

## ARTIGOS

**ANÁLISE E CATEGORIZAÇÃO DE  
ECOSSISTEMAS EMPREENDEDORES: UM  
ESTUDO EM DISTINTAS ESPACIALIDADES NA  
CIDADE DE SETE LAGOAS (MG)**

## RESUMO

Este artigo objetiva investigar ecossistemas empreendedores, por meio de análise de interações entre empreendedores em distintas espacialidades da cidade de Sete Lagoas (MG). Os espaços estudados foram o Centro, rua da periferia e o principal *shopping center*. Como marcos teóricos, foi utilizada a abordagem de Jacobs (2011) para análise das características dos espaços pesquisados; a Teoria da Ação Prática, elaborada por Bourdieu (2010), para análise dos capitais mobilizados pelos diferentes empreendedores investigados; e a Teoria das Relações Ecológicas Interespecíficas, desenvolvida por Lopes e Rosso (2010), para investigação das características dos ecossistemas alvos do estudo. Em termos metodológicos, a pesquisa pode ser caracterizada como estudos de caso, de abordagem qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas junto a empreendedores locais. Os dados obtidos foram submetidos a análise de conteúdo, permitindo a categorização dos espaços estudados em três tipos de ecossistemas: mutualismo (comércio de rua), protocooperação (Centro) e inquilinismo (*Shopping center*).

**Paulo Henrique Gomes Jelihovschi**  
**paulohjeli@gmail.com**

Mestre em Administração pela  
Universidade Fundação Mineira  
de Educação e Cultura, FUMEC  
- MG - BR.

**Henrique Cordeiro Martins**  
**henrique.martins@fumec.br**

Doutor em Administração.  
Professor da Universidade  
Fundação Mineira de Educação e  
Cultura, FUMEC - MG - BR.

**Anderson de Souza Sant'Anna**  
**anderson@fdc.org.br**

Pós-doutor em Teoria  
Psicanalítica. Doutor em  
Administração. Doutor em  
Arquitetura e Urbanismo.  
Professor da Fundação Dom  
Cabral, FDC - MG - BR.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Ecossistema Empreendedor. Relações Ecológicas Interespecíficas. Capitais.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo da influência de condições espaciais, em que os negócios são estabelecidos, tem-se apresentado como foco de análise de diferentes autores interessados na busca por melhor compreensão dos fatores de vitalidade e mortalidade de empreendimentos (BATAGLIA et al., 2010; CUNHA, 1999; SILVA; HEBER, 2014; TURETA; ROSA; ÁVILA, 2009). Dentre esses autores, é possível observar a Teoria da Ecologia Organizacional (HANNAN; FREEMAN, 1977) como importante marco das pesquisas sobre o tema, uma vez que o atual momento é marcado por mudanças advindas de ambientes socioeconômicos cada vez mais dinâmicos.

Nesse contexto, o *espaço* é caracterizado por *locus* específicos de estudo, como um bairro, uma rua ou uma cidade. Já

o ambiente, é caracterizado pelas condições específicas presentes em determinado espaço (SANT'ANNA et al., 2016). Já a noção de agente compreende os indivíduos que interagem com o ambiente, modificando-o e sendo por ele modificado (THIRY-CERQUES, 2006). Finalmente, o *ecossistema* é compreendido como o resultado determinado pela dinâmica entre o ambiente e os agentes em determinado espaço (SANT'ANNA et al., 2016).

Tais compreensões encontram significativa convergência com estudos contemporâneos, como os de programa de pesquisas destinado a investigar relações entre os construtos *Espaço e Ação Social* (SANT'ANNA; NELSON; OLIVEIRA, 2011; SANT'ANNA; OLIVEIRA; DINIZ, 2012), destinados a investigar processos de reconversão de funções econômicas de cidades. No âmbito desses estudos Sant'Anna, Oliveira e Diniz (2012), em investigação, da dinâmica de reconversão de funções econômicas na cidade de Sete Lagoas (MG), evidenciam, a partir da perspectiva de diferentes agentes sociais nela envolvidos, descompasso e contradições entre demandas dos contextos socioeconômicos e espaciais pesquisados. Como exemplo, destacam a antinomia “centro versus periferia”, na qual há a perda da atratividade da região central como local de residência, contribuindo para a emergência de novas “centralidades”, notadamente nas áreas de acesso e no entorno de grandes plantas industriais, recém-instaladas, bem como em bairros e conjuntos habitacionais destinados a abrigar seus trabalhadores. Já em estudo realizado por Sant'Anna et al. (2016) na mesma cidade, com o objetivo de entender as novas dinâmicas urbanas marcadas pelos processos de reconversão econômica, é possível identificar exemplos dessas novas centralidades, como a Rua Santa Juliana. Tal via, comumente retratada como “caótica”, e vinculada a atributos tais como “bagunça”, “feiura”, “sujeira”, “desorganização” e “desordem”, em decorrência de seu trânsito intenso, seu comércio variado, a mistura de prédios e ocupações, os diferentes estilos arquitetônicos, a confluência de pessoas de distintas classes sociais, comportamentos, gostos e propensões de

consumo, apresentará características de modelos de crescimento de ruas periféricas de comércio popular, sem planejamento urbano e à margem do controle do setor público.

Os casos estudados por Sant'Anna e colaboradores trazem à tona a questão de como distintos ecossistemas empreendedores são construídos, bem como suscitam a curiosidade sobre a possibilidade de se estudarem formas de relacionamento entre pessoas e negócios em distintos espaços, buscando categorizá-los em diferentes tipos de ecossistemas.

Para se cumprir esse desafio, foi realizado um estudo de caso (YIN, 2015) que contemplou, além da rua Santa Juliana, a análise de dois outros espaços claramente distintos à Rua Santa Juliana da cidade de Sete Lagoas (MG): seu principal *Shopping Center*, ambiente amplamente conhecido por sua organização e controle, características opostas a Rua, e o Centro Comercial cidade, ponto tradicional de comércio, entendido como ambiente intermediário de organização e controle, entre a Rua Santa Juliana e o *Shopping Center*. Para a realização dessa investigação, foram entrevistas semiestruturadas junto a 49 empreendedores locais, caracterizando um estudo abordagem qualitativa (SEVERINO, 2017).

Delineados os espaços alvo da pesquisa, a pergunta que norteou a realização do estudo que subsidiou a realização deste estudo pode ser assim delineada: De que forma relações entre diferentes empreendedores e o ambiente, em um dado espaço, produzem ecossistemas singulares, tipificados nas relações ecológicas interespecíficas?

Quanto a seu objetivo central, consiste em investigar de que forma diferentes agrupamentos de empreendedores e ambientes interagem e configuram distintos ecossistemas empreendedores. Isso, adotando como premissa que diferentes agentes empreendedores, ao se articularem em um determinado espaço – geradores ou não de diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011) – e mobilizando distintos capitais – econômicos, culturais, sociais e simbólicos (BOURDIEU, 2010) – produzem diferentes relações ecológicas interespecíficas.

Quanto à sua relevância, o estudo visa a ampliar pesquisas acerca da multiplicidade de inter-relações que forjam as dinâmicas socio-espaciais contemporâneas. É possível observar ainda certa carência de estudos que visam investigar a influência de espacialidades - e da relação entre essas e os vários agentes que nelas interagem - sobre a construção de ecossistemas empreendedores.

Outra contribuição advém da incorporação de abordagens em torno de Relações Ecológicas Interespecíficas – REIs, consideradas pela Teoria da Ecologia Organizacional (HANNAN; FREEMAN, 1977), agregando novas possibilidades de análises intra e interorganizações.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 FATORES ESPACIAIS DE VITALIDADE E A INTERAÇÕES ENTRE DISTINTOS AGENTES SOCIAIS

Para a investigação dos ecossistemas empreendedores alvo deste estudo, considerou-se, como marco, o arcabouço teórico de Jacobs (2011). Segundo essa autora, existem, então, quatro condições espaciais indispensáveis para se gerar diversidade nos espaços urbanos. São elas:

Condição 1: A rua, sem dúvida, o maior número possível de segmentos que a compõem, deve atender a mais de uma função principal: de preferência, a mais de duas.

Condição 2: A maioria das quadras da rua deve ser curta; ou seja, as ruas e as oportunidades de virar esquinas devem ser frequentes.

Condição 3: A rua deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Essa mistura deve ser compacta.

Condição 4: Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos. Isso inclui alta concentração de pessoas

cujo propósito é morar lá (JACOBS, 2011, p. 167, 197, 207, 221).

Já como base para a investigação das interações entre os empreendedores dos ecossistemas alvo deste estudo, fez-se uso da Teoria da Ação Prática, desenvolvida por Pierre Bourdieu, que defende a ideia de uma ciência social mais prática e dinâmica, rompendo com os constructos deterministas do estruturalismo até então vigente, que entendem o sujeito de forma majoritariamente passiva frente às estruturas sociais. O autor entende que tais estruturas são modeladas pela constante interação entre o ambiente, e o que ele chama de *agentes*, dotados de senso histórico, interesses e ação no campo social, ao contrário do *sujeito* estruturalista, que remete a um ser mais passivo frente à história (THIRY-CHERQUES, 2006). Esses agentes sociais são dotados de *habitus* similares ou distintos, bem como de capitais distribuídos de modo desigual, inter-relacionam-se no interior de um dado espaço social, em que se desenrolam conflitos e coalisões na busca da manutenção ou transformação do estado vigente de poder e/ou de dominação (BOURDIEU, 2010).

Bourdieu (1996, 2010) define *habitus* como um sistema de disposições e princípios duráveis, que permanecem no tempo em determinado ambiente e regram os comportamentos nesses, funcionando, portanto, como *estruturas estruturantes*, isto é, como esquemas geradores e organizadores de ações coletivas e individuais. Atores sociais dotados de *habitus* distintos tendem, em decorrência, a se comportar de forma diferente. Já o campo compreende um espaço multidimensional, dinâmico, composto por posições distintas, lutas econômicas, simbólicas e culturais, e determinadas pelo volume de capitais detidos por cada um de seus agentes e forças (BOURDIEU, 1994).

O entendimento do conceito de capital também é fundamental para a compreensão da obra de Bourdieu, o qual é definido como a principal forma de poder no interior de um campo sendo, simultaneamente, instrumento e objeto de disputa.

Ao definir os capitais propostos por Bourdieu (2010), pode-se fazê-lo da seguinte forma: 1. Capital econômico: recursos associados aos fatores de produção (terra) e aos ativos econômicos, como os bens materiais; 2. Capital social: envolve a manutenção das relações sociais, baseada na obtenção de benefícios obtidos por determinado sujeito ou grupo ao estabelecer tais relações; 3. Capital cultural: conjunto de conhecimentos e qualificações intelectuais transmitidas pela família e pelas instituições escolares ao longo da vida do sujeito. Esse capital pode adquirir três formas: o estado incorporado, associado a características duráveis do corpo (a forma de falar, hábitos familiares); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (obras de arte); e, o estado institucionalizado, como títulos acadêmicos; 4. Capital simbólico: relacionado à acumulação de prestígio e reconhecimento social por um indivíduo que preserve sob seu domínio os recursos considerados essenciais num determinado campo.

## 2.2 RELAÇÕES ECOLÓGICAS INTERESPECÍFICAS

Inseridas no contexto dos estudos sobre a ecologia organizacional, inicialmente conhecida como ecologia das populações (BATAGLIA et al., 2010; CUNHA, 1999; SILVA; HEBER, 2014; TURETA; ROSA; ÁVILA, 2009), as contribuições em torno das Relações Ecológicas Interespecíficas se propõem a investigar fatores intervenientes nos processos que resultam em grande número de organizações em um mesmo contexto.

Segundo Bataglia et al. (2010, p. 22), a perspectiva da Ecologia Organizacional fundamenta-se “no questionamento teórico do pressuposto da capacidade de adaptação da organização ao seu ambiente.” Segundo Hannan e Freeman (1977), a sobrevivência de uma organização dependeria da natureza do ambiente e as situações competitivas. O conceito de seleção, aplicado à ecologia organizacional, significaria que o ambiente seleciona as organizações, causando a sobrevivência e a morte dessas, levando à evolução. Tal teoria teria como base a

teoria econômica da firma e possui inspiração na ideia da seleção natural de Darwin.

O ambiente, nesse contexto, teria então um caráter determinista na sobrevivência organizacional, uma vez que esse selecionaria aquelas organizações mais aptas a sobreviverem em um contexto específico, tendo a organização pouca influência em seu destino. Nesse contexto, os gestores seriam agentes essencialmente passivos, cuja função seria a de reagir às mudanças do ambiente externo. Entendendo o ambiente como protagonista nos processos de sobrevivência, ou não, das organizações, Hannan e Freeman (1977) sugerem que as populações sejam consideradas para o entendimento das mudanças que atuam sobre as organizações, e que as mudanças que ocorrem nestas não sejam entendidas de forma singular e isoladas.

As variações nas organizações estariam ligadas às mudanças ambientais, trazendo benefícios ou prejuízos para estas, sendo que as mudanças positivas tenderiam a ser replicadas pelas demais organizações presentes no contexto ambiental, realizando, assim, o movimento nos sistemas, nas organizações, nas cadeias, nas comunidades e populações. Nesse sentido, as organizações em um mesmo espaço e que estão sob efeito das mesmas condições ambientais tendem a ser isomorfias, ou seja, apresentarem características similares. A sobrevivência das organizações seria então diretamente influenciada pela capacidade que os indivíduos e organizações teriam em perceber se as variações serão bem-sucedidas ou quais estratégias podem adotar para acompanhar as mudanças em ambientes incertos e instáveis (BAUM, 1999).

O modelo de categorização de ecossistemas formado pela interação dos empreendedores nos distintos espaços baseado em Relações Ecológicas Interespecíficas, utilizado para analisar o modo como distintas espécies interagem entre elas no meio ambiente, mostra-se oportuno como base de análise da relação entre distintos negócios em um mesmo espaço. Esses negócios configurariam, portanto, em nível de analogia, distintas “espécies” (LOPES; ROSO, 2010), sintetizados e tipificados conforme apresentado no Quadro 1.

<b>Relações Ecológicas Interespecíficas</b>			
<b>Harmônicas</b>	<b>Descrição</b>	<b>Desarmônicas</b>	<b>Descrição</b>
Simbiose ou Mutualismo	Contextos organizacionais nos quais um negócio se beneficia diretamente da presença de outros no mesmo espaço, sendo que a ausência de um deles prejudicará a existência de outros.	Amensalismo ou Antibiose	Contexto no qual existam organizações cuja presença atrapalhe o desenvolvimento de outras, prejudicando a sua existência.
Protocooperação	Contextos organizacionais em que um negócio se beneficia da presença de outro, porém a ausência de um deles não prejudica em nada a existência de nenhum deles.	Predação	Ambientes muito competitivos, nos quais algumas organizações, as predadoras, visem à extinção de outras para que possam prevalecer no ambiente.
Inquilismo ou Epifitismo	Algum tipo de organização, a inquilina se beneficia diretamente da presença de outra organização, a hospedeira, sem causar nenhum tipo de dano a essa última, porém sofreria grandes prejuízos caso essa hospedeira deixasse de existir.	Parasitismo	Ambiente no qual várias pequenas organizações, as parasitas, acabem por prejudicar uma grande organização, a hospedeira, tomando para si recursos que essa grande organização necessitaria para sobreviver.
Comensalismo	Contextos em que organizações, no caso os comensais, se beneficiassem do público atraído por outra organização, a anfitriã, e se aproveitariam da impossibilidade ou falta de interesse da anfitriã em atender todo o público atraído por ela.	Sinfilia ou Esclavagismo	Uma grande e poderosa organização submeteria outras pequenas que dependem dessa grande à sua vontade, sendo que essas menores teriam que se adaptar para cumprir as vontades da grande organização.

Quadro 1 - Descrição dos tipos de REIs

Fonte: elaborado pelos autores.

Essas relações ecológicas podem ser divididas entre harmônicas e desarmônicas, sendo que, na primeira, as espécies convivem harmonicamente e, na segunda, existe algum tipo de atrito entre elas (LOPES; ROSSO, 2010). Tendo isso em vista, será utilizado o modelo de

Lopes e Rosso (2010) que propõe um modelo conceitual de REIs para a biologia que se configura em oito tipos, sendo quatro desarmônicas e quatro harmônicas. Desse modo, serão utilizados, portanto, oito tipos de REIs, sendo quatro desarmônicos e quatro harmônicos.



## 4 ACHADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 OS ESPAÇOS INVESTIGADOS: CENTRO, SHOPPING E RUA SANTA JULIANA (SETE LAGOAS, MG)

A cidade de Sete Lagoas está localizada a 70 km da capital do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Sua posição próxima à capital, ao aeroporto internacional Tancredo Neves, e às margens da BR 040, que faz ligação a cidades como Brasília e Rio de Janeiro, dá a ela caráter estratégico para localização de diversos empreendimentos, permitindo o rápido escoamento de produtos produzidos nesta. Além disso, a cidade apresenta uma área de influência composta por 38 municípios e aproximadamente 500 mil pessoas (NOGUEIRA, 2003).

A partir da década de 1980, com o enfraquecimento da indústria de transformação do ferro gusa e a instalação na cidade de grandes empresas, como a FIAT, AMBEV, Caterpillar, Bombril, entre outras, motivadas pela localização estratégica da cidade e uma política de isenções fiscais, houve uma maior diversificação do setor de serviços e uma maior dinamicidade do comércio. Atualmente, segundo dados da Associação Comercial e Industrial de Sete Lagoas (ACI) (2015), a cidade possui cerca de 230 mil habitantes, em sua maioria urbanos (97,6%), com o PIB, em 2012, correspondendo a 6 bilhões de reais, representando crescimento de 317%, em 10 anos; e renda *per capita*, em 2012, de R\$ 27.539,00, evoluindo 258%, também em dez anos. O Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, da cidade, em 2010, era de 0,76, considerado elevado.

O centro de Sete Lagoas (*downtown*) é local de tradicional e dinâmico comércio, caracterizado como marco fundador da cidade de Sete Lagoas. Apesar de sua grande abrangência, o comércio nessa localidade, é formado por dois corredores principais, compreendendo as ruas Monsenhor Messias e Dr. Emílio de Vasconcelos Costa. Tais atributos tornam o estudo do centro da cidade estratégico para o entendimento e conceituação dos ambientes socioespaciais da cidade.

A Rua Santa Juliana, por sua vez, toma importância no processo de expansão da cidade em direção à periferia. A rua constitui, nesse sentido, importante eixo de desenvolvimento econômico, sendo a principal via de acesso entre o centro da cidade e as plantas industriais das grandes empresas recém-instaladas - Iveco-Fiat, Ambev, Carterpillar, dentre outras - e seus “cinturões” de fornecedores, instalados nos limites da localidade com cidades vizinhas. Com a implantação dessas grandes indústrias na região, a partir dos anos 1980, a Rua Santa Juliana vive período de intensa expansão econômica, com implantação de diversificado comércio, incluindo lojas de varejo, material de construção, oficinas mecânicas, agências bancárias, entre outras.

Já seu principal *shopping center*, inaugurado em 2010, evidencia-se como símbolo do atual processo de reconversão econômica da cidade. Localizado a 8 minutos do centro ocupando uma área de mais de 70km<sup>2</sup>, o *shopping center* atende, além de Sete Lagoas, 23 municípios próximos. Em linhas gerais, conta com aproximadamente 80 lojas, divididas em lojas âncoras, operações *malls* - que são os quiosques - *food services*, megalojas e lojas satélite. O espaço é novo, moderno e padronizado, focado, conforme relatos da administração, em trazer um espaço mais “sofisticado” e de “maior padrão de consumo à cidade e região” (Relatos, entrevista 49).

Caracterizados os espaços, alvo deste estudo, mostra-se pertinente realizar a análise dos dados obtidos levando em conta condições de diversidade e vitalidade, conforme preconizadas por Jacobs (2011); a configuração das interações sociais, por meio da noção de capitais (BOURDIEU, 2010); e, por fim, a análise das estratégias de ação adotadas pelos empreendedores locais, a partir dos tipos de REIs, conforme sugerido por Lopes e Rosso (2010).

### 4.2 CENTRO

Em relação às condições de diversidade e vitalidade, o conjunto formado pelas ruas

Monsenhor Messias e Emílio de Vasconcelos é identificado historicamente como o grande polo de comércio da cidade, devido, principalmente, à sua localização geográfica e ao contexto histórico, uma vez que a cidade se desenvolveu no entorno dessas ruas. Outros fatores que explicam a importância dessas duas ruas para o comércio local são a localização estratégica, apresentando fácil acesso, localização e identificação para aqueles que chegam à cidade de Sete Lagoas e a presença de pontos de ônibus na Rua Monsenhor Messias, que foram deslocados recentemente para essa rua, causando grande fluxo de pessoas nesta.

Também é ressaltada a presença de grandes lojas de marca como fator que atrai público ao centro da cidade, aumentando, assim, o fluxo de pessoal. No conjunto dessas duas ruas, é possível identificar uma grande concentração de espaços comerciais um ao lado do outro, como lojas diversas, mercado popular e lanchonetes, serviços como escolas, bancos e igreja, e serviços públicos, como pontos de ônibus e locais de atendimento ao público, criando uma grande diversidade de funções: “*O movimento, diversos tipos de loja [...] diversidade. É muita coisa, né? O que as pessoas procuram, encontram nessa rua.*” (Relato, entrevista 38).

Além disso, é possível observar visualmente uma mistura de prédios novos e antigos. Não é difícil encontrar novos empreendedores, com empreendimentos modernos e redes de lojas em âmbito nacional, e empreendedores tradicionais, com negócios familiares tradicionais, como farmácias, lojas de roupas e até o Mercado Municipal.

É possível notar, no Centro, uma grande e constante circulação de pessoas. Essas pessoas são caracterizadas como de “baixo poder aquisitivo” e já sabem que lá conseguirão resolver todos os seus problemas e fazer compras por um preço que podem pagar: “É muito popular [público], é mais popular.” (Relato, entrevista 29). “[...], é bem dinâmica. Deu uma queda no comércio em geral devido à crise, mas o comércio aqui não é ruim não [...] agitado às vezes, movimentado, ruim pra estacionar.” (Relato, entrevista 34).

De forma unânime, todos os comerciantes entrevistados ressaltam que o que está localizado no Centro é bom para os negócios, visto a tradição que esse local possui de ser um excelente polo de comércio. Acrescentando, a presença das redes e grandes marcas e profissionalização dos negócios locais aparecem como uma tendência futura para o Centro da cidade.

Tal conjuntura permite inferir que a caracterização, segundo os requisitos de Jacobs (2011), do ambiente do centro da cidade como polo dinâmico de comércio, com *grande diversidade e vitalidade*, uma vez que todas as quatro condições postuladas pela autora para se obter tal condição foram identificadas: diversidade de funções, quadras curtas, combinação de edifícios novos e velhos e densidade de pessoas.

Sobre as interações sociais no centro da cidade, são marcadas por uma conformação com aqueles que já se acostumaram e se adaptaram as condições ambientais do centro da cidade e pouco fazem para mudá-las. Eles apresentam modelos de gestão pouco dinâmicos, voltados para o continuísmo daquilo que é feito por eles há vários anos, modelo que foi balizado pela presença do público no centro, associado a um produto com preço competitivo.

Como exceção, empreendedores mais jovens e com menos tempo com negócios no Centro, buscam realizar uma gestão dita mais “moderna”, ancorados em conceitos como valor da marca, percepção de valor entre outros jargões tidos como importante pelas modernas escolas de administração de empresas. Nesse sentido, é possível notar, por parte desses empreendedores, a busca do domínio do Capital Cultural como um diferencial, em detrimento das relações interpessoais e tradições. Percebe-se aí um espaço de transição, em que se observa o *antigo*, representado por práticas comerciais como crediários, a venda fiada, configurada pela venda a prazo, sem nenhum tipo de registro formal, e da proximidade e confiança junto ao cliente, e o *moderno*, ligado às modernas práticas de gestão e capacitação profissional como principal estratégia para sobrevivência do negócio. Essas características de tradição e modernidade são

comuns, também presentes em todos os relatos de profissionais presentes no centro da cidade, e podem ser identificadas nos relatos, a seguir: “Nós temos muito treinamentos. Todos os produtos da loja a gente têm treinamento, porque eles são bem diferenciados, poucos produtos, tem uns que tem saís, faz parte, nós estudamos sobre os produtos.” (Relato, entrevista 35).

Acontece bastante [pessoas pedindo para comprar fiado, cadernetas ou crediário]. Mas a gente tem os nossos meios de pagamento né? Então explica, fala as vantagens também dos nossos meios de pagamento, as formas de pagamento. E a gente também tem um público derivado que é uma compra que o cliente faz e conforme ele vai pontuando ele tem um desconto (Relato, entrevista 34).

Aparentemente, as grandes mudanças no centro da cidade, interferências públicas e privadas, lutas conjuntas por melhores condições para o ambiente, entre outras, já passaram pelo seu grande ciclo de adaptações, sendo as mudanças no presente contexto mais lentas e graduais do que já foram em outros tempos. Pode-se inferir que isso faça com que as organizações sobreviventes sejam mais lentas para realizar mudanças.

Pode-se propor, portanto, que o domínio do campo social no centro da cidade de Sete Lagoas é regido majoritariamente pela tentativa do domínio do *Capital Simbólico* postulada por Bourdieu (2008). Isso se deve, pois, à tradição, *habitus* comum de exercício do poder do espaço em questão, já foi construída com o passar dos anos, fazendo que a população já saiba como esse espaço funciona, o que leva a um uma baixa necessidade de ação e busca do domínio de outros capitais, cujo domínio já não é tão fundamental quanto o do simbólico.

Em relação ao ecossistema empreendedor, é possível notar que as relações entre os agentes empreendedores são baseadas na tradição, em ambiente já consolidado, visando a ganhos individuais, com reduzida preocupa-

ção coletiva, uma vez que um negócio pouco influencia na sobrevivência de outros. Como resultado, o ecossistema formado na região central pode ser tipificado como de *Protocoo-peração*. Entende-se que seja relevante classificar esse espaço como tal já que, nesse modelo de REI, as espécies envolvidas são beneficiadas pela presença umas das outras, porém elas podem viver de modo independente, sem a interação entre elas e sem prejuízos mútuos, caso uma delas deixe de existir.

### 4.3 RUA SANTA JULIANA

As condições de diversidade e vitalidade da Rua Santa Juliana permite constatar um grande e constante crescimento da Rua, fruto de sua expansão e condição de “novo centro”. Nas últimas décadas, segundo relatos, é possível observar uma grande expansão e diversificação dos negócios, como também condições apontadas por Jacobs (2011) como fundamental para a diversidade e para a vitalidade de espaços urbanos: a presença de quadras curtas e a combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados: “Hoje ampliou e mais lá no trevo parece que ele é mais dinâmico ainda. Mas são comércio maiores, não são? Maiores [...]” (Relato, Entrevista 7). “[...] eu não tinha pensado nisso, realmente os quarteirões são curtos.” (Relato, Entrevista 21).

A grande movimentação de pessoas e dinâmica da rua é visto como fator crucial para o sucesso da Rua Santa Juliana como polo comercial. Os empreendedores observam o crescimento da circulação de pessoas na rua e veem isso como uma grande oportunidade para prosperar nos negócios: “Porque aqui é um dos melhores pontos, o cara desce da Vico e ele recebeu o pagamento dele ele vai ao barzinho. ‘Eu vou mexer no meu facebook antes’ o cara para aqui.” (Relato, Entrevista 11).

Tais indícios permitem inferir que o ambiente da Rua Santa Juliana possui *grande diversidade e vitalidade*.

As interações sociais na rua Santa Juliana são marcadas por uma ausência de competitiv-

dade. Apesar do citado aumento do volume e da diversificação do comércio local, os empresários locais relatam que a competitividade entre eles não se acirrou. O discurso da “concorrência saudável entre eles”, da “ajuda mútua”, da “complementaridade” e da “competição com o Centro, e não entre eles” é muito comum entre esses empresários e até moradores da Rua. Dos 29 entrevistados na Rua Santa Juliana, 21 possuem citações nesse sentido – de ajuda mútua e complementariedade dos negócios. Mesmo entre os negócios que atuam no mesmo ramo de atividades, há o discurso de que se busca complementar o que o outro negócio não tem, e não concorrer diretamente, como uma *Lan House* com foco em conserto de máquinas e a outra em jogos online e equipamentos, e empresas automotivas, as quais uma foca no conserto de carros e a outra na venda de acessórios: “A concorrência é amigável [...] Um ajuda o outro [...]. (os negócios) Mas se complementam, justamente.” (Relato, Entrevista 5).

A mistura de públicos, a crescente expansão e o abandono do setor público – caracterizado por relatos – trazem ao comércio da Rua uma série de peculiaridades, como a alta diversificação do comércio, valorização de imóveis, aumento no preço do aluguel das lojas às margens da rua, interferências constantes do setor público e uma necessidade de organização do comércio local pelos próprios comerciantes.

Sob a égide dos capitais de Bourdieu (2009), vê-se como ainda não se construiu um arcabouço simbólico que dê à rua Santa Juliana um status de local favorável ao comércio. É possível observar a tentativa de criar esse Capital Simbólico menos ancorado na percepção do descaso e da bagunça, mais na facilidade de compra e na complementariedade dos negócios locais; porém essa é uma construção ainda incipiente.

Tendo em vista esse modo de relacionamento entre os comerciantes e entre comerciantes e públicos, é possível inferir a predominância do *Capital Social* entre os capitais propostos por Bourdieu (1994, 1996, 2009, 2010) como instrumento de poder no campo social. Ao se observar as falas dos atores locais, é possível

notar que o relacionamento interpessoal é *habitus* recorrente, e que saber se relacionar bem com os diversos atores naquele ambiente extremamente dinâmico é mais interessante para a obtenção de poder do que aspectos ligados aos aspectos econômicos ou culturais. O domínio desse Capital Social despertaria entre os atores, naquele ambiente, o prestígio e o reconhecimento social por parte dos indivíduos mais do que qualquer aspecto econômico ou cultural. Nesse ponto, torna-se possível inferir que o domínio do campo na realidade em estudo viria por meio do conhecimento dos atores locais, da confiança adquirida pelo tempo e pelos serviços já prestados à comunidade.

As relações de Competição X Complementariedade demonstram como se dá a dinâmica na rua Santa Juliana. Devido a esse público ser formado, em sua maioria, por moradores da região e serem pessoas de baixa renda, o relacionamento com o cliente se torna um ativo organizacional importante e, nesse contexto, competir parece não ser a melhor estratégia.

Sobre o ecossistema empreendedor formado pela Rua Santa Juliana, percebem-se, exponencialmente relações sociais desenvolvidas em um espaço dinâmico, visando ganhos mútuos entre os atores envolvidos – no caso, evitar que indivíduos tenham que se deslocar ao centro da cidade, identificado como competidor, para consumir. Isso permite que o ecossistema formado pela Rua Santa Juliana, seja melhor configurado pela relação de *Mutualismo*. É plausível entender essa REI como representativa da rua Santa Juliana, uma vez que todos os agentes sociais ali presentes se beneficiam diretamente da presença um dos outros, já que isso diminui a frequência com que os possíveis consumidores do comércio local devam ir a outros ambientes, como o Centro ou ao *Shopping*, para consumirem produtos que podem ser encontrados na rua.

#### 4.4 SHOPPING CENTER

Sobre as condições de diversidade e vitalidade, pode-se afirmar que o público do

Shopping é caracterizado de forma unânime por todos os 10 entrevistados que lá trabalham como diversificado, mais exigente do que o público do comércio de rua, e que, muitas vezes, gostam de um maior conforto. Essa percepção seria confirmada uma vez que lojas ditas de alto padrão fecharam nos últimos anos no Shopping por estarem “inadequadas ao público local”, já que o público consumidor desse tipo de produto faria suas compras na cidade de Belo Horizonte: “Em princípio, começaram a frequentar, mas depois quem é o público que tem dinheiro na cidade vem frequentando Belo Horizonte.” (Relato, entrevista 39).

Nota-se, também, uma baixa presença do público nesse espaço. Constantemente se observam espaçosos corredores completamente vazios, o que vem incomodando os lojistas locais, que fazem comparações com o Centro da cidade, identificado como espaço em que há maior movimento. “Então a gente ainda tem essa dificuldade em tentar trazer esse cliente, o que é difícil, nesse momento é fazer com que ele gaste um transporte público a mais.” (Relato, entrevista 44).

É possível constatar um *ambiente pouco dinâmico*, visto que as condições postuladas por Jacobs (2011) são parcialmente observadas: o ambiente é totalmente planejado e controlado, com quadras padronizadas e outros espaços de circulação totalmente arquitetados. Não há a mistura de construções novas e velhas, sendo todas novas, há pouca circulação de pessoas e a diversidade de funções ainda se mostra em expansão.

Sobre a relação entre o espaço e o público - interações sociais - a ideia dos comerciantes de que a população da Cidade de Sete Lagoas não parece valorizar esse ambiente é de relevante discussão. É presente a ideia de que o Shopping seria ainda um “corpo estanho”, discurso este presente em 8 das 10 entrevistas feitas naquele espaço. A cidade, segundo esses, estaria acostumada ao comércio de rua e suas características próprias, muitos distintas às do *Shopping*. Esses lojistas identificam que a população entende que os preços no *Shopping Center* são mais caros, o que não seria verdade,

e que há o desafio de acostumar a população a esse novo espaço, uma vez que essa parece entender que não é “boa o suficiente” para frequentar um espaço tão “sofisticado”, fazendo com que o público não frequente o *Shopping Center*: “Por que eu acho que lá [Shopping] é vazio? Porque eu acho que as pessoas optam realmente por descerem aqui [Centro], por ter mais possibilidades, opções, olhar mais coisas. Tem gente que gosta muito de vir no centro ‘ah eu vou olhar’ [...]” (Relato, entrevista 45).

Além disso, formas de gestão ditas mais modernas se mostram mais comuns nesse espaço, quando comparadas com o Centro da cidade. Relatos de lojistas que trabalham no Shopping e também trabalham, ou já trabalharam no Centro, mostram como essa distinção da cultura gerencial se mostra mais presente no primeiro, seja devido à forma de gestão do empresário ou devido à exigência do público.

Baseado nesses achados, existem indícios de que o espaço formado pelo *Shopping Center* se baseia no *Capital Cultural* como *habitus* para controle do campo social. Essa dominação do campo por meio de um *Capital Cultural*, aparentemente, não se mostra eficiente, uma vez que o público local não percebe valor simbólico nas condições de atração proporcionados por este *Capital*, como modernas práticas de gestão e padronizações de atendimento, ambiente e preços. O *capital Econômico* é pouco presente. Comerciantes e demais agentes não utilizam o poderio econômico como estratégia de domínio do campo. O *Capital Social* também é pouco presente, uma vez que há pouca interação entre comerciantes e clientes. O *Capital Simbólico*, por sua vez, encontra-se presente de forma pouco benéfica ao comércio local, que liga o *Shopping* mais a um local caro e demasiadamente sofisticado, que as facilidades de compra.

Por fim, sobre a análise do ecossistema empreendedor, o *Shopping Center* implanta-se em Sete Lagoas com proposta aparentemente diferenciada do costumeiro consumo do Centro da Cidade. Como resposta, o público local parece não ter se identificado com essa proposta. O ecossistema presente no espaço do Shopping

aparenta ser fechada a grandes mudanças, homeostática e isomórfica, ancorada na ideia de que a população local naturalmente identificará os benefícios de se consumir nesse espaço em detrimento de outros.

Por fim, no exercício de conceituar tal ecossistema, é possível observar uma relação entre os comerciantes parecida com a do centro da Cidade, podendo inferir que tal relação tenha até sido “importada” desse espaço, caracterizada como *protocooperação*. Para além dessa relação é possível observar certo tensionamento entre os lojistas e a administração do espaço, aos quais os lojistas pagam aluguel para estarem presentes e acreditam que tal recurso por vezes é devidamente utilizado em seu benefício e, em outras vezes, tal investimento não é frutífero. Essa peculiaridade, em que determinadas organizações estão submetidas a um hospedeiro mais poderoso, que tem poder de determinar as regras da relação, traz à tona os conceitos de *esclavagismo*, quando há a percepção que a relação não é harmônica entre o hospedeiro, no

caso o *Shopping Center*, e as organizações neste hospedadas, no caso, as *inquilinas*.

Apesar de essas duas tipologias serem notadas e pontuadas, como regra geral pode-se observar entre os lojistas inquilinos uma percepção de benefício em estarem hospedados no Shopping – 7 dos 10 relatos – principalmente motivados pelas perspectivas futuras, uma vez que o estado presente não é favorável. Essa relação de benefício dos “hospedeiros”, não causam danos ao hospedeiro, no caso, o Shopping. Portanto, há a percepção de benefícios por parte dos inquilinos de estarem hospedados no Shopping e, caso alguma inquilina deixasse de existir, a organização hospedeira, no caso, o Shopping, não seria seriamente afetada. Essa relação se aproxima do *Inquilinismo*, como tipo de REI que caracteriza o ecossistema empreendedor presente no espaço do Shopping.

Em suma, os três modelos de ecossistemas encontrados no estudo podem ser visualizados de forma conjunta e sintética na Figura 2.

**MODELO DE DESENVOLVIMENTO DE ECOSISTEMAS EMPREENDEDORES**

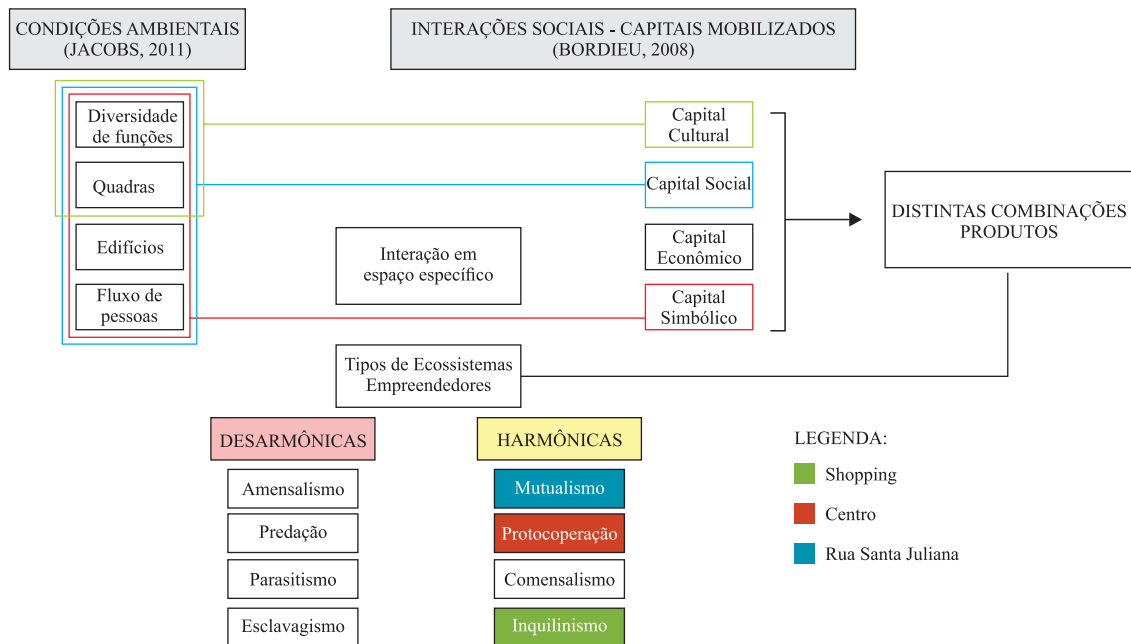


Figura 2 - Ecossistemas empreendedores dos três espaços estudados  
Fonte: elaborado pelos autores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do conjunto dos dados obtidos, pode-se constatar que as interações entre os diferentes agentes sociais investigados em distintos espaços, com também distintas condições ambientais, resultaram em ecossistemas empreendedores ímpares. A figura 2 sintetiza a forma como se dão essas configurações, trazendo a noção da importância do ambiente no estabelecimento de diferentes dinâmicas sociais. Em outros termos, os achados e os resultados apontam para o espaço como um importante “capital”, isto é, como fator relevante à vitalidade de ecossistemas empreendedores. Do mesmo modo, reitera a relevância das relações entre os agentes nesse espaço e suas intervenções na construção desse, sendo o entendimento do modo como se formatam tais relações fundamental para intervenções eficazes.

As Relações Ecológicas Interespecíficas se mostraram úteis à categorização de tais ambientes, dando sentido a *praxis* em cada um desses espaços, descrevendo a forma como os agentes se orientam e, a nível empresarial, como se comportar para sobreviver às exigências do espaço em estudo, remetendo à Teoria da Ecologia Organizacional.

No que tange às limitações da amostra, as entrevistas convergiram para pontos comuns em todos os ambientes, sendo raras opiniões divergentes, denotando espaços bem delimitados e entendidos por seus agentes. Ao final, é possível inferir que o presente estudo contribui nos dispositivos de análise socioespaciais, ainda pouco empíricos, oferecendo uma possibilidade de ferramenta para auxiliar lideranças públicas, empreendedores e outros agentes sociais no entendimento dos espaços nos quais se quer intervir e na formulação de estratégias de intervenção mais sinérgicas entre as instâncias societais, organizacionais e individuais.

Por fim, os achados e os resultados indicam a necessidade de novas análises empíricas que possibilitem o avanço e a validação das categorias e os diferentes tipos de relações ecossistêmicas relatadas. A replicação desse estudo

em outros espaços, em distintas cidades, pode vir a dar maior respaldo acadêmico aos achados do presente trabalho.

## ANALYSIS AND CATEGORIZATION OF ENTREPRENEUR ECOSYSTEMS: A STUDY IN DIFFERENT SPATIALITIES IN THE CITY OF SETE LAGOAS, BRAZIL

### ABSTRACT

This article aims to investigate entrepreneurial ecosystems, through the analysis of interactions between entrepreneurs in different spatialities of the city of Sete Lagoas. The spaces studied were the downtown, a suburban street and the main shopping center. As theoretical frameworks, Jacobs approach (2011) was used to analyze the characteristics of the surveyed spaces; the theory of practical action, developed by Bourdieu (2010), in order to analyze the capitals mobilized by the investigated entrepreneurs; and the theory of interspecific ecological relations, developed by Lopes and Rosso (2010), to investigate the characteristics of the ecosystems targeted by the study. In methodological terms, the researches that subsidized the presented results can be characterized as case studies, of qualitative approach, carried out through interviews with local entrepreneurs. The data were submitted to the technique of content analysis, allowing a categorization of the spaces into three types of ecosystems mutualism (street commerce), proto-cooperation (downtown) and inquilinism (shopping center).

**Keywords:** Entrepreneurship. Entrepreneurial ecosystem. Interspecific ecological relations. Types of Capital.

## ANÁLISIS Y CATEGORIZACIÓN DE ECOSISTEMAS EMPRENDEDORES: UN ESTUDIO EN DISTINTAS ESPACIALIDADES EN LA CIUDAD DE SETE LAGOAS, MG, BRASIL

### RESUMEN

Este artículo tiene por objetivo investigar ecosistemas emprendedores, a través de análisis de interacciones entre emprendedores en distintas espacialidades de la ciudad de Sete Lagoas (MG). Los espacios estudiados fueron el Centro, calle de la periferia y el principal centro comercial. Como referencia teórica fue utilizada las ideas de Jacobs (2011) para análisis de las características de los espacios investigados; la Teoría de la Acción Práctica, elaborada por Bourdieu (2010), para análisis de los capitales movilizados por los diferentes emprendedores investigados; y la Teoría de las Relaciones Ecológicas Interespecíficas, desarrolladas por Lopes y Rosso (2010), para investigación de las características de los ecosistemas objetos del estudio. En relación a la metodología, la búsqueda puede ser caracterizada como estudios de caso, de abordaje cualitativa, realizadas a través de entrevistas semiestructuradas junto con las emprendedoras locales. Los datos obtenidos fueron sometidos a análisis de contenido, permitiendo la categorización de los espacios estudiados en tres tipos de ecosistemas: mutualismo (comercio ambulante), protooperación (Centro) e inquilinismo (centro comercial).

**Palabras-clave:** Emprender. Ecosistema Emprendedor. Relaciones Ecológicas Interespecíficas. Capitales.

### REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE SETE LAGOAS - ACI. **Sete Lagoas em Números**: uma coletânea dos principais indicadores nos últimos anos. [S.l.: s.n.], 2015.
- BATAGLIA, W. et al. Implicações das teorias ambientais para a administração estratégica. **Gestão. Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional**, Recife, v. 7, n. 3, p. 314-330, 2010.
- BAUM, J. A. Organizational ecology: studying organization. **Theory and method**, v. 44, n. 6, p. 71-108, 1999.
- BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- \_\_\_\_\_. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CUNHA, M. P. Ecologia organizacional: implicações para a gestão e algumas pistas para a superação de seu caráter anti-management. **Revista de Administração de Empresas**, v. 39, n. 4, p. 21-28, 1999.
- HANNAN, M. T.; FREEMAN, J. The population ecology of organizations. **American journal of sociology**, v. 82, n. 5, p. 929-964, 1977.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- LOPES, S.; ROSSO, S. **Bio**. São Paulo: Sarai-va, 2010.
- NOGUEIRA, M. **Sete Lagoas**: a dinâmica funcional de um lugar na rede urbana de Minas Gerais. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2003.
- SANT'ANNA, A. S.; OLIVEIRA, F. B.; DI-

NIZ, D. M. Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades: uma análise sob a perspectiva de Bourdieu. **Gestão e Sociedade**, v. 6, n. 15, p. 378-406, 2012.

SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B. D. Empreendedorismo e o desenvolvimento do turismo na cidade de Tiradentes. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 6, n. 1, p. 3-5, 2011.

SANT'ANNA, A. S. et al. **A Liderança em contextos de diversidade e inovação**: contribuições do espaço público. Nova Lima: FDC-FAPEMIG, 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, G.; HEBER, F. Ecologia organizacional e teoria de redes: uma análise contemporânea da formação de APL's. **Gestão & Regionalidade**, v. 30, n. 88, p. 34-48, 2014.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, 2006.

TURETA, C.; ROSA, A. R.; ÁVILA, S. C. Da teoria sistêmica ao conceito de redes interorganizacionais: um estudo exploratório da teoria das organizações. **Revista de Administração da Unimep-Unimep Business Journal**, v. 4, n. 1, p. 1-16, 2009.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2015.